

sobrevivência mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Então alimenta-te da Morte, que se alimenta dos homens,
E estando a Morte morta, já não morrerás.*

WILLIAM SHAKESPEARE

*As famílias felizes são todas semelhantes;
cada família infeliz é infeliz à sua maneira.*

LÉON TOLSTÓI

P R Ó L O G O



O desejo de beber um *Orange Fizzy* a meio da noite salvou a vida de Nixie. Quando acordou, Nixie olhou para o mostrador luminoso da sua unidade de pulso, que nunca tirava, e viu que passava das duas da manhã.

Não estava autorizada a ingerir guloseimas entre as refeições, mas apenas itens da lista aprovada pela sua mãe. E duas da manhã não era, definitivamente, hora de tomar um refrigerante.

Mas acordara *a morrer* por um *Orange Fizzy*.

Virou-se na cama e sussurrou à sua melhor amiga na galáxia inteira, Linnie Dyson. Linnie ficara a dormir lá em casa, apesar de terem escola no dia seguinte, porque os seus pais estavam a celebrar o aniversário de casamento num hotel chique qualquer.

Para terem sexo. Segundo a mãe e a senhora Dyson, os pais de Linnie iam festejar com um jantar elegante e depois queriam ir dançar e todas essas tretas, mas o motivo era o sexo. *Oh, por favor*, ela e Linnie tinham nove anos, não dois. Percebiam as coisas.

Além disso, queriam lá saber. O que lhes importava era que a mãe de Nixie — o Monstro das Regras — tinha aberto uma exceção no que tocava aos dias de escola. Apesar de terem sido obrigadas a apagar a luz às nove e meia — por acaso tinham dois anos? —, fora uma noite magniliciosa.

E ainda faltavam muitas horas para a escola, e Nixie tinha sede. Então, deu mais um toque a Linnie e sussurrou outra vez.

— Acorda!

— Hum. Não é manhã. Escuro.

— É manhã. São duas da manhã. — Por isso é que era tão fixe. — Quero um *Orange Fizzy*. Vamos lá abaixo beber um. Podemos dividir. — Linnie resmungou qualquer coisa, virou-se para o outro lado e praticamente escondeu a cabeça debaixo dos lençóis.

— Bem, eu vou — disse Nixie, no mesmo murmúrio sibilante.

Não seria tão divertido ir sozinha, mas agora já não era capaz de dormir, a pensar no *Fizzy*. Teria de atravessar a casa para chegar à cozinha, porque a mãe não a deixava ter um AutoChef no quarto. Era como viver numa prisão, pensou Nixie, saltando da cama. Era como estar na prisão em 1950 ou coisa assim, e não na sua própria casa em 2059.

A mãe até pusera códigos de segurança para crianças em todos os AutoChefs da casa, de modo a que Nixie e o irmão, Coyle, só pudessem programar coisas saudáveis.

Mais valia comer lama.

O pai dizia: «Regras são regras.» Dizia aquilo repetidamente. Mas às vezes piscava-lhes o olho, a ela e a Coyle, quando a mãe não estava em casa, e deixava-os comer gelado ou batatas fritas.

Nixie achava que a mãe sabia e só fingia não saber.

Saiu em bicos de pés do quarto, uma rapariguinha bonita, alta e magra, com uma massa ondulada de cabelo louro-pálido. Os seus olhos, de um azul muito claro, já estavam ajustados à escuridão.

Ainda assim, os pais deixavam sempre uma luz de presença na casa de banho ao fundo do corredor, para o caso de alguém ter de se levantar para ir fazer xixi.

Susteve a respiração ao passar pelo quarto de Coyle. Se ele acordasse, era capaz de contar. Sabia ser um completo chato. Mas, pensando bem, às vezes sabia ser porreiro. Por um instante, Nixie hesitou, perguntando-se se havia de entrar e acordá-lo, e convencê-lo a acompanhá-la na sua aventura.

Não. Era fixe andar clandestinamente pela casa sozinha. Susteve de novo a respiração, ao passar pelo quarto dos pais, esperando escapar — por uma vez que fosse — ao radar da mãe.

Não se ouvia nada nem ninguém quando Nixie, sorrateira, desceu a escada.

Já no piso inferior, continuou silenciosa como um rato. Ainda tinha de passar por Inga, a governanta, cujos aposentos ficavam junto à

cozinha. Por norma, Inga era porreira, mas nunca a deixaria beber um *Orange Fizzy* a meio da noite.

Regras são regras.

Por isso, Nixie não acendeu a luz, caminhou sub-repticiamente pela casa e entrou na grande cozinha, como uma ladra. Era muito excitante. Nenhum *Orange Fizzy* seria tão fervilhante como aquele, pensou.

Abriu o frigorífico. Ocorreu-lhe, de repente, que a mãe era capaz de ter aquelas coisas contadas. Ter um inventário de guloseimas e refrigerantes.

Mas era demasiado tarde para voltar atrás. Se tivesse de pagar um preço pelos seus atos, preocupar-se-ia com isso mais tarde.

Prémio na mão, foi pé ante pé para o outro extremo da cozinha, onde ficava com o quarto de Inga no seu campo de visão e podia esconder-se atrás da ilha, se fosse preciso.

Nas sombras, rasgou o selo do tubo, bebeu o primeiro gole proibido.

Soube-lhe mesmo bem. Sentou-se no banco comprido, no recanto que a mãe chamava de zona de pequeno-almoço, e preparou-se para saborear cada gota.

Começava a relaxar quando ouviu um barulho que a fez deitar-se no banco. Por baixo da ilha, viu movimento e pensou: *Apanhada!*

Mas a sombra passou rente ao balcão no outro lado da cozinha, entrando no quarto de Inga.

Um homem. Nixie teve de tapar a boca para abafar uma risadinha. Inga tinha um amigo para as cambalhotas! E era tão velha — devia ter pelo menos uns quarenta anos. Ao que parecia, o senhor e a senhora Dyson não eram os únicos a ter sexo naquela noite.

Incapaz de resistir, deixou o *Orange Fizzy* em cima da mesa e atravessou a cozinha. Tinha de espreitar, tinha mesmo de ver. Então, esgueirou-se pela porta aberta, entrou na pequena sala de Inga e dirigiu-se para a porta do quarto. Agachou-se, enfiando a cabeça pela porta entreaberta.

Mal podia esperar para contar a Linnie! A sua amiga ficaria cheia de inveja.

Novamente com a mão a tapar a boca, os olhos brilhantes de riso, Nixie rastejou, pôs a cabeça de lado.

E viu o homem cortar a garganta de Inga.

Viu o jorro de sangue. Ouviu o terrível gorgolejo. Agora de olhos vidrados, recuou, soluçando, a respiração entrecortada contra a palma da

mão. Incapaz de se mover, ficou sentada, encostada à parede, o coração a bater-lhe descontroladamente no peito.

O homem aproximou-se, passou mesmo junto dela, e saiu do quarto.

As lágrimas correram dos olhos de Nixie, por entre os seus dedos afastados. Todo o seu corpo tremia quando rastejou pelo chão, usando uma cadeira como escudo, para alcançar o *link* de Inga.

Num sopro, deu o comando para uma chamada de emergência.

— Ele matou-a, ele matou-a. Têm de vir. — Falava em sussurros, ignorando as perguntas que a voz recitava. — Agora. Venham já. — E deu a morada.

Deixou o *link* no chão, continuando a arrastar-se até chegar aos degraus estreitos que levavam da saleta de Inga ao piso superior.

Queria a mamã.

Não correu, não se atrevia. Não se pôs de pé. Sentia as pernas esquisitas, vazias, como se os ossos tivessem derretido dentro delas. Rastejou de barriga no chão pelo corredor, os soluços presos na garganta. E para seu horror, viu a sombra — duas sombras, agora. Uma entrou no seu quarto, a outra no quarto de Coyle.

Nixie arrastou o seu corpo para o quarto dos pais, gemendo. Ouviu um som, uma pancada, e encostou a cara ao tapete, sentindo o estômago às voltas.

Viu as sombras passarem a porta, viu os homens. Ouviu-os. Embora se movessem como se fossem apenas sombras.

A tremer, Nixie continuou a rastejar, passando pelo cadeirão da mãe, pela pequena mesa com o candeeiro colorido. E a sua mão escorregou em algo quente, molhado.

Endireitando-se, olhou para a cama. Viu a mãe, o pai. E o sangue que os cobria.

C A P Í T U L O 1



O homicídio era sempre um insulto, e era assim desde que a primeira mão humana esmagara com uma pedra o primeiro crânio humano. Mas o homicídio, brutal e sangrento, de uma família inteira, na sua própria casa, nas suas camas, era outra espécie de mal.

Assim pensava Eve Dallas, Secção de Homicídios da Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, ao examinar Inga Snood, 42 anos, sexo feminino. Empregada doméstica, divorciada. Morta.

As manchas de sangue e o próprio local do crime contavam-lhe como tudo acontecera. O assassino entrara no quarto, dirigira-se para a cama, levantara bruscamente a cabeça de Snood, provavelmente puxando-a pelo cabelo louro, que lhe dava pelos ombros, e aplicara-lhe um golpe hábil — da esquerda para a direita — na garganta, cortando as veias jugulares.

Relativamente limpo, e rápido, isso era certo. Silencioso, ao que tudo indicava. Era pouco provável que a vítima tivesse tido tempo de compreender o que se estava a passar. Não havia ferimentos defensivos, nem outros vestígios de trauma ou sinais de luta. Apenas o sangue e o corpo.

Eve chegara ao local do crime antes da sua parceira e da equipa forense. O 112 respondera a uma chamada, transmitindo a ocorrência a uma unidade de patrulha. Os polícias tinham chamado os Homicídios, e Eve fora informada pouco antes das três da manhã.

Ainda tinha os outros mortos, os outros locais do crime para

examinar. Saiu daquela divisão, olhando para o agente posicionado na cozinha.

— Mantenha o local isolado.

— Sim, tenente.

Eve atravessou a cozinha e entrou numa sala com dois espaços distintos, zona de estar de um lado, zona de jantar do outro. Classe média alta, residência de uma só família. Um bairro elegante em Upper West Side. Sistema de segurança decente, que não servira de nada aos Swisher ou à sua empregada.

Mobília cara, de bom gosto, supunha Eve. Tudo limpo e arrumado, nos seus devidos lugares, tanto quanto parecia. Não se tratara de furto, uma vez que ali se encontravam vários equipamentos eletrónicos fáceis de transportar.

Subiu a escada e entrou primeiro no quarto dos pais. Keelie e Grant Swisher, trinta e oito e quarenta anos de idade, respetivamente. À semelhança do que acontecera à governanta, não havia sinais de luta. Apenas duas pessoas que se encontravam a dormir na sua cama e que agora estavam mortas.

Eve olhou rapidamente em redor; viu uma unidade de pulso de homem, cara, em cima de uma cómoda, um par de brincos de ouro noutra.

Não, não fora um assalto.

Saiu do quarto quando a sua parceira, a inspetora Delia Peabody, subia a escada. A coxear um pouco.

Ter-se-ia precipitado ao deixar Peabody voltar ao serviço?, perguntou-se Eve. A sua parceira sofrera um ataque violento apenas três semanas antes, quando fora emboscada junto ao seu prédio. E Eve ainda tinha presente a imagem da robusta Peabody ferida, vulnerável, inconsciente, numa cama de hospital.

O melhor era pôr a imagem, e a culpa, para trás das costas. Mais valia lembrar-se de como ela própria odiava estar de baixa médica, e de como o trabalho, às vezes, era melhor do que um descanso forçado.

— Cinco mortos? Invasão de propriedade? — Um pouco ofegante, Peabody apontou para o piso inferior. — O agente à porta relatou-me o essencial.

— É o que parece, mas ainda temos trabalho a fazer aqui. A empregada está lá em baixo, aposentada junto à cozinha. Morta na cama, corte na garganta. Os proprietários estão ali. Mesmo procedimento. Dois miúdos, rapaz e rapariga, nos outros dois quartos neste piso.

— Miúdos? Oh, Deus.

— O primeiro agente a chegar ao local disse-me que o rapaz estava neste quarto. — Eve dirigiu-se para a porta seguinte, dando a instrução para acender a luz.

— Segundo os registos, Coyle Swisher, doze anos. — Havia *posters* emoldurados nas paredes, com imagens de desporto. Os de basebol predominavam. Salpicos de sangue no tronco do jogador de campo esquerdo dos Yankees, uma vedeta da atualidade.

Apesar da desarrumação, própria de um adolescente, no chão, na secretária e na cómoda, Eve não encontrou indícios de que Coyle tivesse resistido mais do que as outras vítimas.

Peabody apertou os lábios, pigarreou.

— Rápido, eficiente — disse, num tom neutro.

— Não houve entrada forçada. Os alarmes não dispararam. Ou os Swisher se esqueceram de os ligar, e eu não apostaria nisso, ou alguém tinha os seus códigos ou um bom neutralizador de sinal. A miúda deve estar aqui.

— Vamos lá. — Peabody endireitou os ombros, preparando-se. — É mais difícil quando são miúdos.

— É suposto, sim. — Eve entrou no quarto seguinte, deu o comando para acender a luz e observou a cama, macia e cor-de-rosa e branca, a rapariguinha de cabelo louro manchado de sangue. — Nixie Swisher, nove anos, segundo os registos.

— Quase um bebé.

— Sim. — Eve olhou em redor, e pôs a cabeça de lado. — O que vês, Peabody?

— Uma pobre miúda que nunca vai crescer.

— Dois pares de sapatos, ali.

— Os miúdos, especialmente em famílias com dinheiro, nadam em sapatos.

— Duas daquelas coisas que os miúdos usam às costas. Já puseste o selante?

— Não, estava só...

— Eu já. — Eve entrou no local do crime, com as mãos isoladas, e pegou nos sapatos. — Números diferentes. Vai buscar o primeiro agente que aqui chegou.

Com os sapatos ainda na mão, Eve virou-se para a cama, para a criança, enquanto Peabody se afastava a passo rápido. Depois, pousou os sapatos e tirou um Identipad do seu estojo.

Sim, tornava-se mais difícil quando era uma criança. Era difícil segurar uma mão tão pequena na sua. Uma mão tão pequena sem vida. Era difícil olhar para uma criança que fora privada de tantos anos, de todas as alegrias e todos os desgostos no seu futuro.

Pressionou os dedos no Identipad, esperou pela leitura.

— Está aqui o agente Grimes, tenente — disse Peabody. — Foi o primeiro a chegar ao local.

— Quem comunicou a ocorrência, Grimes? — perguntou Eve, sem se voltar.

— Uma voz do sexo feminino não identificada, tenente.

— E onde está a dona dessa voz?

— Eu... Parti do princípio de que era uma das vítimas, tenente.

Desta vez, Eve encarou-o, e Grimes viu a mulher alta e esbelta, com calças masculinas e um casaco de cabedal de aspeto usado. Os olhos castanho frios, olhos neutros de polícia, num rosto de traços vincados. O cabelo era castanho, como os olhos, e curto, ondulado e em desalinho.

A reputação da tenente precedia-a, e quando aquele olhar gelado se fixou nele, o agente Grimes percebeu que era uma reputação merecida.

— Então, alguém liga para o número de emergência, e depois mete-se na cama para lhe abrirem a garganta?

— Eh... — Era um agente de patrulha, com dois anos de serviço. Não era dos Homicídios. — Pode ter sido a miúda a ligar, tenente, e depois pode ter-se escondido na cama.

— Há quanto tempo tem o distintivo, Grimes?

— Dois anos... faz em janeiro, tenente.

— Conheço civis que percebem mais de uma cena de crime do que você. Quinta vítima, identificada como Linnie Dyson, nove anos, que não é porra nenhuma de residente nesta porra de morada. Que não é uma Nixie Swisher. Peabody, começa uma busca na casa. Estamos à procura de outra miúda de nove anos, viva ou morta. Grimes, seu idiota, lance um alerta de rapto. Ela pode ter sido a razão de tudo isto. Podem tê-la levado. Mexa-se!

Peabody tirou uma lata de *Seal-It* do estojo de material, borrifando apressadamente os seus sapatos e as suas mãos.

— Pode estar escondida. Se foi a miúda que fez a chamada, Dallas, pode estar escondida. Pode ter medo de aparecer, ou pode estar em choque. Pode estar viva.

— Começa pelo rés-do-chão. — Eve ajoelhou-se para ver debaixo da cama. — Descobre de que unidade, de que *link* ligaram para o 112.

— A tratar disso.

Eve foi até ao armário, procurou no interior, espreitou todos os cantos onde uma criança se poderia esconder. Saiu, encaminhando-se para o quarto do rapaz, mas depois perguntou-se: *Se fosses uma rapariguinha, e tivesses o que parecia ser uma boa família, para onde ias, se as coisas corressem mal?*

Para um lugar que Eve nunca conhecera. Porque, no seu caso, a família fora a causa de todos os males.

Ignorando as outras divisões, Eve regressou ao quarto dos pais.

— Nixie — disse em voz baixa, olhando em volta. — Sou a tenente Dallas, sou da Polícia. Estou aqui para te ajudar. Foste tu que chamaste a Polícia, Nixie?

Rapto, pensou novamente. Mas porquê assassinar uma família inteira, para levar uma criança? Seria mais fácil apanhá-la na rua, algures, ou até entrar na casa, sedá-la e levá-la. O mais provável era que a tivessem apanhado a tentar esconder-se, e que estivesse caída num canto qualquer, morta como os outros.

— Luzes, intensidade máxima. — Viu as manchas de sangue no tapete, do outro lado da cama. A marca de uma mão pequena, ensanguentada, depois outra, e um rasto vermelho que levava à casa de banho da suite.

Não era necessariamente sangue da miúda. Era mais provável que fosse dos pais. Era mais provável, mas havia uma enorme quantidade de sangue.

A banheira era grande e sensual, dois lavatórios numa comprida bancada cor de pêssego, e uma pequena cabina para a sanita.

Um rasto de sangue esborratado manchava os bonitos mosaicos de um tom pastel.

— Raios — murmurou Eve, e seguiu o rasto até às grossas paredes de vidro de um polibã.

Estava à espera de encontrar o corpo ensanguentado de uma rapariguinha morta. Em vez disso, encontrou a forma trémula de uma criança viva.

Tinha sangue nas mãos, na camisa de dormir, na cara.

Por um momento, por um momento terrível, Eve olhou para a criança e viu-se a si própria. Sangue nas mãos, na roupa, na cara. Viu-se enroscada num quarto gelado. Por um instante, viu a faca na sua mão, ainda a gotejar, e o corpo, o homem que acabara de esfaquear, caído no chão.

— Deus. Oh, Deus. — Cambaleou para trás, pronta a correr, a gritar. E a criança levantou a cabeça, fixou os olhos vidrados nos seus, e soltou um queixume.

Eve voltou ao presente, violentamente, como se a tivessem esbofeteados. *Não sou eu*, disse para consigo, esforçando-se por controlar a respiração. *Ela não é nada como eu*.

Nixie Swisher. *Ela tem um nome. Nixie Swisher*.

— Nixie Swisher — disse Eve, em voz alta, agora mais calma. A miúda estava viva, e havia trabalho a fazer.

Um exame rápido permitiu a Eve concluir que o sangue não era da criança.

Apesar do murro de alívio, e embora tivesse recuperado as forças, lamentou que Peabody não estivesse ali. Lidar com miúdos não era o seu ponto forte.

— Olá. — Agachou-se. Com um dedo que já quase não tremia, apontou cuidadosamente para o distintivo que prendera ao cinto. — Chamo-me Dallas. Sou polícia. Foste tu que nos chamaste, Nixie.

A criança tinha os olhos muito abertos e parados. Os seus dentes batiam.

— Preciso que venhas comigo, para te ajudar. — Estendeu uma mão, mas a rapariga encolheu-se e fez um som de animal encurralado.

Eu sei como te sentes, miúda. Sei exatamente como te sentes.

— Não tenhas medo. Ninguém te vai fazer mal. — Mantendo uma mão erguida, levou a outra ao bolso, para tirar o comunicador. — Peabody, encontrei-a. Casa de banho da suite. Vem cá.

Agitando o seu cérebro, Eve tentava pensar na abordagem certa.

— Chamaste-nos, Nixie. Foste esperta, foste corajosa. Sei que estás assustada, mas vamos cuidar de ti.

— Eles mataram, eles mataram, eles mataram...

— Eles?

A rapariguinha sacudiu a cabeça, como uma velhota com tremores.

— Eles mataram, eles mataram a minha mãe. Eu vi, eu vi. Eles mataram a minha mãe, o meu pai. Eles mataram...

— Eu sei. Sinto muito.

— Rastejei pelo sangue. — Com os olhos muito abertos, vidrados, estendeu as mãos sujas. — Sangue.

— Estás magoada, Nixie? Eles viram-te? Magoaram-te?

— Eles mataram, eles mataram... — Quando Peabody apareceu,

Nixie gritou como se a tivessem apunhalado. E atirou-se para os braços de Eve.

Peabody parou onde estava, e falou num murmúrio, com toda a calma.

— Vou contactar a Proteção de Menores. Está ferida?

— Tanto quanto vejo, não. Mas está em choque.

Era estranho segurar uma criança, mas Eve pôs os braços em redor de Nixie e ajudou-a a levantar-se.

— Ela viu o que aconteceu. Não temos apenas uma sobrevivente, temos uma testemunha ocular.

— Uma criança de nove anos que viu... — Peabody falava entre dentes, enquanto Nixie chorava no ombro de Eve, a cabeça voltada para o quarto.

— Eu sei. Vá, fica com ela e... — Mas quando Eve tentou afastar Nixie, a criança apertou-a com mais força ainda.

— Acho que vais ter de ficar tu com ela.

— Raios. Liga para a Proteção de Menores, alguém que venha já para cá. Começa a fazer o registo, quarto a quarto. Já vou ter contigo.

Tinha esperança de deixar a miúda com um dos agentes, mas Nixie parecia colada a ela. Resignada, e cansada, levou-a para o piso inferior, procurou um lugar neutro, e escolheu o que parecia ser um quarto de brincar.

— Quero a minha mãe. Quero a minha mãe.

— Sim, eu percebo. Mas escuta: vais ter de me largar. Não vou deixar-te, mas tens de me dar espaço.

— Eles foram-se embora? — Nixie escondia a cara no ombro de Eve. — As sombras foram-se embora?

— Sim. Tens de me largar, senta-te aqui. Tenho umas coisas a fazer. Preciso de falar contigo.

— E se eles voltarem?

— Não vou deixar que isso aconteça. Sei como isto é difícil. Não podia ser mais difícil.

Prestes a perder a paciência, Eve sentou-se no chão, com Nixie ainda pendurada nela. — Tenho de fazer o meu trabalho, é assim que te posso ajudar. Preciso de... — *Caramba*. — Preciso de tirar uma amostra do sangue que tens na mão, e depois podes ir lavar-te. Vais sentir-te melhor depois de te lavares, não é?

— Tenho o sangue deles...

— Eu sei. Olha, tenho aqui o meu estojo. Vou só tirar uma amostra, para servir de prova. E preciso de fazer uma gravação. Depois podes ir à casa de banho lavar-te. Gravador ligado — disse Eve, calmamente, e afastou um pouco Nixie. — Chamas-te Nixie Swisher, certo? Vives nesta casa?

— Sim, eu quero...

— E eu sou a tenente Dallas. Vou colher uma amostra da tua mão, para poderes ir lavar-te. Não vai doer.

— Eles mataram a minha mãe e o meu pai.

— Eu sei. Tenho muita pena. Viste quem eles eram? E quantos eram?

— Estou suja do sangue deles.

Eve selou a amostra e olhou para a criança. Lembrava-se de como era ser uma criança e estar coberta de sangue de outra pessoa.

— Que tal ires lavar-te?

— Não consigo.

— Eu ajudo-te. Talvez queiras beber alguma coisa. Posso... — E quando Nixie começou a chorar, Eve sentiu picadas nos olhos.

— O quê? O quê?

— *Orange Fizzy*.

— Está bem, vou ver se...

— Não. Vim cá abaixo para beber um *Orange Fizzy*. Não devia, mas foi o que fiz, e a Linnie não quis acordar e vir comigo. Fui à cozinha, e vi.

Eve, que agora também estava suja de sangue, percebeu que a ida à casa de banho teria de esperar.

— O que foi que viste, Nixie?

— A sombra, o homem que entrou no quarto da Inga. Pensei... Ia ver, só por um minuto, se eles iam fazer aquilo, sabe?

— Fazer o quê?

— Sexo. Não devia, mas fui, e vi!

Agora a cara da miúda estava tão cheia de lágrimas como de ranho e sangue. Não tendo mais nada à mão, Eve tirou um pano do seu estojo de material e limpou-lhe a cara.

— O que viste?

— Ele tinha uma faca grande e cortou-a, fez-lhe um grande golpe. — Levou a mão ao pescoço. — E fez sangue.

— Consegues dizer-me o que aconteceu a seguir?

Quando as lágrimas lhe jorraram novamente dos olhos, Nixie esfregou o pano e as mãos na cara, sujando-a de sangue.

— Ele foi-se embora. Não me viu, e eu apanhei o *link* da Inga e liguei para o 112.

— Isso é saber manter a cabeça fria, Nixie. Foste muito esperta.

— Mas eu queria a minha mãe. — A sua voz fraquejou, e as lágrimas e o ranho correram de novo. — Queria o meu pai, e subi pelas traseiras, pela escada da Inga, e vi-os. Eram dois. Foram ao meu quarto, e ao quarto do Coyle, e eu sabia o que eles iam fazer, mas queria a minha mãe, e fui para o quarto dos meus pais, e fiquei com o sangue deles, e vi-os. Estavam mortos. Estão todos mortos, não estão? Toda a gente. Não consegui ir ver. Escondi-me.

— Fizeste bem. Fizeste exatamente o que devias. Olha para mim. Nixie. — Esperou até os olhos rasos de água encontrarem os seus. — Estás viva, e fizeste tudo certo. E isso vai ajudar-me a encontrar as pessoas que fizeram isto, para elas pagarem.

— A minha mamã está morta. — Aninhando-se no colo de Eve, a criança chorou e chorou e chorou.

Eram quase cinco da manhã quando Eve conseguiu voltar para junto de Peabody, para fazer o seu trabalho.

— Como está a miúda?

— Como seria de esperar. Deixei-a com uma assistente social e com um médico. Estão a limpá-la, a fazer-lhe um exame físico. Tive de jurar que não saía desta casa, para ela me largar.

— Foste tu que a encontraste, apareceste quando ela pediu ajuda, tudo isso.

— Ela ligou para o 112 do *link* de bolso da empregada, lá em baixo. — Eve pôs Peabody ao corrente do que Nixie lhe revelara.

— O que ela me conseguiu contar até agora bate certo com a minha primeira impressão: trabalho profissional competente. Entram. Evitam ou neutralizam os alarmes e o sistema de vigilância. Um trata da empregada. É a primeira baixa. Está isolada, noutra piso, e têm de dar conta dela primeiro, certificarem-se de que não acorda e não liga para a Polícia. O outro tipo já deve estar lá em cima, pronto para agir se alguém acordar. Depois tratam dos pais juntos.

— Um para cada — concordou Peabody. — Sem barulho, sem luta. Os adultos primeiro. Os miúdos não os preocupam.

— Um acaba com o rapaz, o outro com a rapariga. Estão à espera de

encontrar um rapaz e uma rapariga. Estava escuro, por isso o facto de terem matado a miúda errada não significa que não conhecessem a família pessoalmente. Procuravam uma rapariga loura, e foi o que encontraram. Fazem o trabalho, saem.

— Não deixaram rasto de sangue.

— Usaram equipamento protetor, despiram-no quando acabaram. Limpo, sem confusão. Já sabes a hora das mortes?

— Duas e quinze para a governanta. Talvez três minutos mais tarde para o pai, a mãe logo a seguir. Mais um minuto para cada criança. Terminaram tudo em cinco, seis minutos. Frio e limpo.

— Não tão limpo assim. Deixaram uma testemunha. A miúda agora está confusa, mas acho que vai conseguir dizer-nos mais. Tem cabeça, e é corajosa. Não grita quando vê a governanta ser morta.

Imaginou-se na pele da criança, imaginou aqueles minutos em que a morte atravessara silenciosamente a casa.

— Aterrorizada, ela só pode estar aterrorizada, mas não desata a correr pela casa, para ser apanhada e esfaqueada. Fica em silêncio, e liga para o número de emergência. Rija.

— O que lhe acontece agora?

— Casa segura, ficha selada, guardas, um representante da Proteção de Menores. — Os passos frios, impessoais. A vida de Nixie, tal como ela a conhecia, acabara por volta das duas e um quarto dessa madrugada. — Temos de ver se ela tem mais família, ou se tem algum tutor legal. Mais para o fim do dia, voltamos a falar com ela, talvez consigamos saber mais. Quero esta casa selada como um sistema ecológico fechado, e vamos começar a investigar as vítimas adultas.

— O pai era advogado, direito da família. A mãe era nutricionista. Trabalhava por conta própria, e tinha um consultório em casa, no piso inferior. Essas fechaduras estão intactas e, aparentemente, está tudo em ordem.

— Vamos investigar a atividade deles, os seus clientes, a sua vida pessoal. Isto foi feito por profissionais, e foi um trabalho minucioso. Talvez um deles, ou ambos, ou a governanta tivessem uma vida paralela com ligação ao crime organizado. Nutricionista... podia ser uma fachada para estupefacientes. Manter o cliente magro e feliz da maneira fácil.

— Há uma maneira fácil? Uma maneira que inclua quantidades ilimitadas de *pizza* e que não nos ponha o estômago a reclamar de fome?

— Um pouco de Funk e um pouco de Go acrescentados à pirâmide

dos alimentos. — Eve encolheu um ombro. — Ela pode ter chateado o seu fornecedor. Ou talvez um ou outro estivesse envolvido com alguém pouco recomendável, e o caso tenha dado para o torto. Para se acabar com uma família inteira, é preciso ter um raio duma motivação. Vamos ver se os peritos encontram alguma coisa no local. Entretanto, quero examinar novamente todos os quartos. Não tive tempo de...

Interrompeu-se ao ouvir os estalidos regulares de sapatos; virou-se e viu a assistente social, com olhos sonolentos, mas aprumada como uma igreja, que acabava de entrar na sala. Newman, recordou-se Eve. Funcionária do Serviço de Proteção de Menores, e dava para perceber que não ficara muito satisfeita com a chamada a meio da noite.

— Tenente, o médico não detetou lesões físicas. Seria preferível transportarmos a menor de imediato.

— Dê-me uns minutos, para preparar a segurança. A minha parceira pode ir lá acima reunir algumas coisas para ela levar. Quero...

Interrompeu-se de novo. Desta vez não eram estalidos regulares de sapatos, mas uma corrida de pés descalços. Ainda com a camisa de dormir ensanguentada, Nixie correu pela sala e foi agarrar-se a Eve.

— Disse que não se ia embora.

— Estou mesmo aqui.

— Não deixe que eles me levem. Disseram que iam levar-me. Não os deixe.

— Não podes ficar aqui. — Libertou as suas pernas dos dedos de Nixie e agachou-se, para ficarem de olhos nos olhos. — Sabes que não podes.

— Não deixe que eles me levem. Não quero ir com ela. Ela não é polícia.

— Vou mandar polícias contigo, e eles vão proteger-te.

— Tem de ficar comigo. Tem de ficar comigo.

— Não posso. Tenho de trabalhar. Tenho de fazer o que está certo, pela tua mãe e pelo teu pai, pelo teu irmão e pela tua amiga. Pela Inga.

— Não vou com ela. Não pode obrigar-me a ir com ela.

— Nixie...

— Escuta. — Tom amável, com um sorriso que não intimidava, Peabody interveio. — Nixie, preciso de falar com a tenente, por um minuto... aqui mesmo. Ninguém vai a lado nenhum, por agora, está bem? Só preciso de falar com ela. Dallas? — Peabody dirigiu-se para o outro lado da sala, mantendo-se no campo de visão de Nixie.

Dallas foi ter com ela.

— O que foi? Posso fugir?
— Devias levá-la contigo.
— Peabody, preciso de examinar melhor os quartos.
— Eu já os examinei, e tu podes voltar cá mais tarde e vê-los de novo.
— Então, vou com ela até à casa segura? E quando tiver de a deixar com os agentes, ela agarra-se a mim outra vez. De que adianta?

— Não me referia à casa segura. Leva-a para tua casa. Não há lugar mais seguro na cidade... ou no planeta, provavelmente... do que a tua casa.

Eve não conseguiu dizer nada durante dez segundos.

— Enlouqueceste?

— Não, e escuta-me primeiro. Ela confia em ti. Sabe que és tu que mandas, e confia em ti para a protegeres. É uma testemunha ocular, e uma miúda traumatizada. Vamos conseguir que nos diga mais se se sentir segura, se estiver calma, pelo menos na medida do possível. Só por alguns dias, como uma transição, antes de ela ir parar ao sistema. Põe-te no seu lugar, Dallas. Sentias-te melhor com a polícia durona e fixe, ou com a funcionária do SPM, entediante e com excesso de trabalho?

— Não posso tomar conta de uma miúda. Não estou habilitada.

— Estás habilitada a sacar informação a uma testemunha e isto dá-te acesso total. Não terás de passar pela burocracia do SPM de cada vez que quiseres interrogá-la.

Agora pensativa, Eve olhou para Nixie

— Talvez só por um dia, dois no máximo. O Summerset percebe de miúdos. Apesar de ser um idiota. Ela também não há de ficar muito mais traumatizada de olhar para a cara feia dele, depois do que passou. Basicamente, eu estaria a alojar uma testemunha. E a casa é grande.

— É esse o espírito.

Eve franziu o sobrolho, fitando Peabody.

— Muito espertinha, para quem acaba de voltar ao serviço.

— Posso não estar em condições de perseguir suspeitos a pé, mas o meu raciocínio? Ágil como sempre.

— É pena. Tinha esperança de que o traumatismo e o coma tivessem limado essas arestas, mas não se pode pedir tudo.

— És má.

— Era capaz de ser pior, mas são cinco da manhã e ainda não bebi café que chegue. Tenho de fazer uma chamada.

Afastou-se e, pelo canto do olho, viu Nixie agitar-se. Eve limitou-se a abanar a cabeça e tirou o seu *link* do bolso.

Passados cinco minutos, estava a fazer sinal à assistente do SPM.

— Está absolutamente fora de questão — disse a mulher. — Não tem qualificações, nem autorização, para transportar uma menor. É meu dever acompanhá-la...

— O que estou a fazer é a pôr uma testemunha sob proteção policial. A miúda não gosta de si, e preciso que ela esteja calma, para poder questioná-la como deve ser.

— A menor...

— A miúda viu a família inteira de garganta cortada. Quer ficar comigo. E eu digo que ela vai ter o que quer. A minha patente na Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque permite-me determinar que ela vai para um lugar seguro e fica sob proteção policial enquanto a sua segurança estiver em risco, ou até que sejam tomadas outras medidas. Pode fazer-me frente, mas porque é que havia de fazer isso?

— Tenho o dever de considerar o superior interesse da...

— Menor — concluiu Eve. — Portanto, sabe que o seu superior interesse é não ter mais situações de tensão, sentir-se em segurança. Está borrada de medo. Porquê piorar as coisas?

A mulher olhou para trás.

— O meu supervisor não vai gostar disto.

— O seu supervisor que se entenda comigo. Vou levar a miúda. Vá fazer o relatório.

— Preciso da localização exata...

— Logo a informo. Peabody? Arranja uma mala com aquilo de que a miúda precisar. — Voltou para junto de Nixie. — Sabes que não podes ficar aqui.

— Não quero ir com ela. Não quero...

— E esta noite já deves ter percebido que não podes ter sempre o que queres. Mas, por agora, podes vir comigo.

— Posso?

Newman afastou-se e Eve conduziu Nixie para o outro lado da sala.

— Sim. Não posso ficar contigo, porque tenho de trabalhar. Mas estão lá pessoas que vão tomar conta de ti. Pessoas em quem eu confio, por isso tu também podes confiar nelas.

— Mas vai lá estar? Depois volta?

— É lá que vivo.

— Está bem. — Nixie segurou a mão de Eve. — Eu vou consigo.

C A P Í T U L O 2



Nas mesmas circunstâncias, Eve teria preferido transportar no seu carro de polícia um psicopata de cento e trinta quilos pedrado com Zeus, em vez de levar uma rapariguinha. Sabia lidar com um drogado homicida.

Mas a viagem não era longa, e em breve passaria a miúda para outras mãos e poderia voltar ao trabalho.

— Depois de notificarmos... — Eve olhou pelo espelho retrovisor, e embora os olhos de Nixie estivessem prestes a fechar-se, omitiu o resto da frase: os parentes mais próximos. — Vamos instalar-nos no meu escritório em casa. Volto ao local mais tarde. Por agora, vamos trabalhar com base nos teus registos.

— A equipa da Divisão de Detecção Eletrónica está a recolher todos os *links* e computadores, pessoais e da casa, e vai verificar o sistema de segurança. — Peabody mudou de posição, para poder ver Nixie pelo canto do olho. — Talvez já tenham alguma coisa para nos dizer, quando lá voltarmos.

Era preciso voltar para o terreno, pensou Eve. Havia trabalho a fazer. Interrogatórios, relatórios, estudar probabilidades. Precisava de voltar à casa. Encontrar a miúda tinha-a desconcentrado. Era urgente voltar lá, sentir a atmosfera do local dos crimes.

Tinham entrado pela porta da frente, pensou, revendo a casa em pensamento. A miúda estava na cozinha; se alguém tivesse vindo pelas traseiras, ela teria visto. Tinham entrado pela frente, passando pelo

sistema de segurança como se este nem existisse. Um no rés-do-chão, outro no primeiro andar. Rápidos e eficientes.

A governanta primeiro. Mas ela não era o alvo. Se fosse, para quê ir lá acima? A família era o alvo. Pais e filhos. Nem se desviaram por um segundo para levar uma unidade de pulso cara, que estava bem à vista.

Mortes rápidas, pensou. Impessoais. Sem tortura, sem conversa, sem mutilação.

Era só um trabalho, portanto...

— Mora aqui?

A pergunta sonolenta de Nixie quebrou o ritmo de Eve, quando o carro passava os portões a caminho de casa.

— Sim.

— Num castelo?

— Não é um castelo. — Está bem, era capaz de parecer um castelo, disse para consigo. A dimensão, as pedras cintilando sob a luz da madrugada, todas as saliências e torres, a imensidão verde e as árvores reluzindo com as últimas centelhas do outono.

Mas Roarke era assim mesmo. O comum não era opção.

— É só uma casa muito grande.

— É uma casa magnífica — acrescentou Peabody, sorrindo para Nixie. — Muitos quartos, toneladas de ecrãs de parede e jogos, até uma piscina.

— Dentro de casa?

— Sim. Sabes nadar?

— O pai ensinou-nos. Depois do Natal, costumamos ir de férias para um hotel em Miami. Fica à beira do oceano, e há lá uma piscina, e nós vamos...

Calou-se, os olhos inundados de lágrimas, ao lembrar-se de que não haveria férias depois do Natal. Não voltaria a haver férias em família.

— Doeu, quando os mataram?

— Não — disse Peabody, num tom meigo.

— Doeu? — Nixie não estava satisfeita, e olhava fixamente para a nuca de Eve, à espera de resposta. Eve estacionou à frente da casa.

— Não.

— Como sabe? Nunca morreu. Nunca lhe cortaram a garganta com uma faca mesmo grande. Como é que sabe...

— Porque é o meu trabalho — disse Eve, energicamente, quando o tom de Nixie se aproximava da histeria. Virou-se no assento, para encarar

a criança. — Não chegaram a acordar, e terminou tudo num segundo. Não doeu.

— Mas continuam mortos, não é? Continuam todos mortos.

— Sim, continuam. — Era típico, pensou Eve, a fúria tomar conta dela. A raiva costumava andar de mãos dadas com a dor. — Não podes trazê-los de volta. Mas eu vou descobrir quem fez isto, e vou pô-los na prisão.

— Podia matá-los.

— Não é esse o meu trabalho.

Eve saiu do carro, abriu a porta de trás.

— Vamos.

Quando estendia a mão a Nixie, Roarke abriu a porta da frente e saiu. Os dedos de Nixie apertaram os de Eve, como fios.

— Ele é o príncipe? — sussurrou a criança.

Como a casa parecia um castelo, Eve calculou que o homem que a construía devia parecer um príncipe. Alto e magro, moreno e lindo. Cabelo preto a rodear uma cara que fora desenhada para fazer uma mulher suspirar de luxúria. Traços fortes, vincados, uma boca carnuda e firme, olhos de um azul brilhante e ousado.

— É o Roarke — respondeu Eve. — É só o tipo que mora aqui.

Mentira, claro. Roarke não era «só» nada. Mas era seu.

— Tenente. — Ecos da Irlanda pairaram no ar quando ele desceu a escada ao encontro delas. — Inspetora. — Curvou-se. Eve reparou que ele não sorriu ao olhar Nixie nos olhos.

Roarke viu uma rapariguinha bonita, pálida, com sangue seco no cabelo louro, e marcas de cansaço e dor sob os olhos de um azul suave.

— Deves ser a Nixie. Eu sou o Roarke. Lamento conhecer-te em circunstâncias tão terríveis.

— Eles mataram toda a gente.

— Sim, eu sei. A tenente Dallas e a inspetora Peabody vão descobrir quem fez uma coisa tão horrível, e vão certificar-se de que essas pessoas são punidas.

— Como sabe?

— É o que elas fazem, o que fazem melhor do que ninguém. Vamos entrar?

Nixie puxou a mão de Eve, e continuou a puxar até Eve rolar os olhos e se curvar.

— O quê?

— Porque é que ele fala assim?

— Não nasceu aqui.

— Nasci do outro lado do mar, na Irlanda. — Agora Roarke sorria, só um pouco. — Nunca perdi o sotaque.

Fez-lhes sinal para entrarem, e Summerset aguardava-as no vestíbulo espaçoso, com o gato gordo estendido aos pés.

— Nixie, este é o Summerset — disse Roarke. — Ele toma conta da casa. Também vai olhar por ti, a maior parte do tempo.

— Não o conheço. — Nixie olhou para o mordomo e encolheu-se, encostando-se a Eve.

— Eu conheço. — Era beber um copo de bÍlis, mas Eve engoliu-o. — O Summerset é porreiro.

— Bem-vinda, menina Nixie. — Tal como Roarke, o mordomo tinha uma expressão sóbria. Eve sentiu-se grata por eles não forçarem aqueles grandes sorrisos assustadores que os adultos muitas vezes exibiam diante de crianças vulneráveis. — Quer que lhe mostre onde vai dormir?

— Não sei.

Summerset pegou no gato.

— Talvez queira comer primeiro. O *Galahad* faz-lhe companhia.

— Nós tivemos um gato. Era velho e morreu. Vamos arranjar um gatinho no próximo...

— O *Galahad* gostaria muito de ter uma nova amiga. — Summerset pousou o gato no chão, e esperou que Nixie largasse a mão de Eve e se aproximasse. Quando *Galahad* lhe encostou a cabeça à perna, a rapariga esboçou um sorriso trémulo. Sentou-se no chão e escondeu a cara no pelo do animal.

— Obrigada — sussurrou Eve a Roarke. — É um grande favor.

— Não é. — Eve também estava suja de sangue, e desprendia-se dela um leve odor a morte. — Falamos sobre isso mais tarde.

— Tenho de ir. Desculpa-me por te largar isto nos ombros.

— Vou trabalhar em casa a maior parte da manhã. Eu e o Summerset tomamos bem conta do recado.

— Segurança máxima.

— Sem dúvida.

— Volto assim que puder, e vou trabalhar em casa, tanto quanto possível. Agora temos de ir notificar os pais da vítima feminina menor. Peabody, tens a morada dos Dyson?

— Não estão em casa — disse Nixie, a voz abafada sob o pelo do gato.

— Não tens problemas de ouvidos — comentou Eve, atravessando o vestíbulo. — Onde estão?

— Foram para um grande hotel, porque fazem anos de casados. Foi por isso que a Linnie pôde dormir lá em casa, sem ser fim de semana. Agora vão ter de lhes dizer que ela morreu no meu lugar.

— Não no teu lugar. Se estivesses no quarto, estariam as duas mortas. Qual seria a vantagem?

— Tenente. — A irritação incrédula na voz de Summerset conseguiu apenas que Eve lhe erguesse um dedo a ordenar silêncio.

— A Linnie não está morta por tu estares viva. Isto vai ser difícil para os Dyson, tal como é para ti. Mas sabes quem tem culpa do que aconteceu.

Nixie levantou a cabeça, e os seus olhos azuis serenos tornaram-se duros como vidro.

— Os homens das facas.

— Exato. Sabes qual é o hotel?

— The Palace, porque é o melhor. Foi o que o senhor Dyson disse.

— OK. — Era o melhor, pensou Eve, porque era um dos hotéis de Roarke. Lançou-lhe um olhar, ele anuiu.

— Vou facilitar o acesso.

— Obrigada. Tenho de ir — disse Eve a Nixie. — Vais ficar com o Summerset.

— Os homens das facas podem vir atrás de mim.

— Não me parece, mas, se vierem, não conseguem entrar aqui. Há um portão, é muito seguro, e a casa também é segura. E, sabes, o Summerset? Sei que ele é um velhote ossudo e feio, mas é forte. Estás em segurança com ele. Este é o nosso acordo, para ficares aqui — acrescentou, levantando-se. — É o melhor que posso arranjar.

— E depois volta?

— Vivo aqui, lembra-te? Peabody, vamos.

— A mala dela está aqui. — Peabody apontou o saco desportivo que preparara. — Nixie, se eu me tiver esquecido de alguma coisa que queiras, ou se precisares de algo mais, podes pedir ao Summerset que me contacte, e nós trazemos-te o que fizer falta.

O último olhar de Eve foi para a criança, que estava sentada no chão entre os dois homens, a procurar consolo no gato.

Mal saiu de casa, Eve rodou os ombros, tentando sacudir o peso que a oprimia.

— Meu Deus — foi tudo o que disse.

— Não consigo imaginar o que estará aquela miúda a pensar.

— Eu consigo. Estou sozinha, estou assustada e a sofrer, nada faz sentido. E estou rodeada de estranhos. — Pensar nisso fê-la sentir uma ligeira náusea, mas obrigou-se a pôr a sensação para trás das costas. — Liga à equipa da DDE, para sabermos como estão a correr as coisas.

Dirigindo-se para o portão, Eve usou o *link* do painel para contactar a doutora Charlotte Mira, em casa.

— Desculpe. Sei que é cedo.

— Não faz mal, já estava a pé.

No ecrã, Eve podia ver Mira a secar o seu cabelo macio como pelo de zibelina. Tinha a cara coberta de gotas, de suor ou água.

— Estive a fazer o meu ioga matinal. O que se passa?

— Múltiplo homicídio. Uma família inteira morta em casa, à exceção da filha de nove anos. Uma amiga que estava a dormir lá em casa foi morta por engano. A miúda é testemunha. Tenho-a escondida na minha casa.

— Na sua casa?

— Depois conto-lhe os pormenores, mas é esta a situação. Vou agora informar os pais da amiga da filha.

— Valha-me Deus.

— Sei que deve ter a agenda cheia, mas vou precisar de interrogar a miúda hoje. Vou precisar de um psiquiatra à mão, alguém que tenha experiência com crianças e com investigação criminal.

— A que horas precisa de mim?

— Obrigada. — E onde antes estivera um peso, instalou-se uma sensação de alívio. — Preferia que fosse a Mira, mas se tiver um dia complicado, peço-lhe que me recomende alguém.

— Arranjo tempo.

— Ah. — Eve olhou para a sua unidade de pulso, tentando calcular o tempo de que precisaria. — Podemos combinar ao meio-dia? Tenho muito a fazer até lá.

— Meio-dia. — Mira começou a tomar notas num pequeno bloco.

— Qual é o estado dela?

— Não ficou ferida.

— Estado emocional.

— Ah, razoável, parece-me.

— Consegue comunicar?

— Sim. Vou precisar de uma avaliação para o Serviço de Proteção

de Menores. Vou precisar de muitas coisas para a brigada da burocracia. Estou sem tempo, porque passei por cima da representante. Tenho de notificar o supervisor. Quanto antes.

— Nesse caso, vou deixá-la trabalhar, e vemo-nos ao meio-dia.

— A equipa da DDE está no local do crime — disse Peabody quando Eve pôs fim à transmissão. — Estão a verificar o sistema de segurança, os *links* e os centros de dados no sítio. Vão transportar as unidades para a central.

— Está bem. E os parentes das outras vítimas?

— Os pais do Grant Swisher estão divorciados. Desconhece-se o paradeiro do pai. A mãe voltou a casar, pela terceira vez, e vive em Las Vegas II. Trabalha num casino, a dar as cartas no Vinte e Um. Os pais da Keelie Swisher morreram quando ela tinha seis anos. Guarda do Estado e escolas públicas.

O que, como Eve sabia, fora certamente um mar de rosas.

— Depois de falarmos com os Dyson, contacta a mãe do Grant Swisher e informa-a. É possível que ela seja a responsável legal pela miúda, e teremos de lidar com isso. Já sabes onde fica o escritório do Swisher?

— Swisher and Rangle, West 61st.

— Fica perto do hotel. Vamos lá depois de falarmos com os Dyson. Logo vemos como corre e passamos pelo local do crime, se tivermos tempo.

Isto, por muito difícil que fosse, era algo que Eve sabia fazer. Destruir a vida de quem ficava era uma tarefa que lhe cabia demasiadas vezes. Roarke abriu-lhes o caminho, conforme prometera. Como estavam à sua espera, Eve foi poupada à habitual discussão com o porteiro, à conversa com rececionistas e seguranças, que de outra forma a teriam feito perder tempo.

Quase sentiu a falta daquela rotina.

Mas ela e Peabody foram diligentemente acompanhadas aos elevadores e indicaram-lhes o número do quarto dos Dyson.

— Filha única, certo?

— Sim, só a Linnie. Ele também é advogado, direito empresarial. Ela é pediatra. Moram uns dois quarteirões a sul dos Swisher. As filhas frequentavam a mesma escola, andavam na mesma turma.

— Tens andado ocupada — observou Eve enquanto subiam até ao quadragésimo segundo andar.

— Tiveste de lidar com a miúda. Nós, inspetores, fazemos o que podemos.

Pelo canto do olho, Eve viu Peabody mudar de posição, contrair-se um pouco. As costelas ainda estavam a incomodá-la. Devia ter ficado mais alguns dias de baixa. Mas deixou passar, não lhe disse nada.

— Já tens alguma coisa sobre a situação financeira dos Swisher?

— Ainda não. Nós, inspetores, não fazemos milagres.

— Preguiçosa. — Eve saiu do elevador, indo direita ao 4215. Não se permitiu pensar, nem sentir. De que serviria?

Tocou à campainha, ergueu o distintivo para o óculo. Esperou. O homem que apareceu à porta estava embrulhado num felpudo roupão de hotel. O seu cabelo castanho-escuro tinha tufos espetados, e a cara quadrada, atraente, exibia a expressão satisfeita de quem tivera alguma diversão matinal.

— Agente?

— Tenente Dallas. Matthew Dyson?

— Sim. Desculpe, ainda estávamos a dormir. — Levou a mão à boca, para encobrir um enorme bocejo. — Que horas são?

— Passa um pouco das sete. Senhor Dyson...

— Há algum problema no hotel?

— Podemos entrar, senhor Dyson, para falar consigo e com a sua esposa?

— A Jenny ainda está na cama. — O ar sonolento começava a dar lugar a uma ligeira irritação. — Qual é o problema?

— Gostávamos de entrar, senhor Dyson.

— Está bem, está bem. Raios. — Deu um passo atrás, fazendo-lhes sinal para fecharem a porta.

Tinham escolhido uma suite, daquelas suites de sonho, românticas, com flores verdadeiras, velas verdadeiras, lareira, sofás confortáveis. Estava uma garrafa de champanhe vazia num balde prateado sobre uma mesa de apoio. Duas taças e, como Eve reparou, uma peça de lingerie feminina caída, como uma bandeira, sobre as costas do sofá.

— Importa-se de ir chamar a sua esposa, senhor Dyson?

Tal como o cabelo, os olhos dele eram castanhos. E agora deixavam transparecer irritação.

— Escute, ela está a dormir. É o nosso aniversário de casamento, ou foi ontem, e estivemos a festejar. A minha mulher é médica, trabalha muitas horas. Nunca consegue dormir até tarde. Por isso, diga-me que raio quer.

— Lamento, precisamos de falar com os dois.

— Se há algum problema no hotel...

— Matt? — Uma mulher apareceu à porta do quarto. Estava despen-teada e também tinha um roupão vestido, e sorriu ao passar uma mão pelos caracóis louros, curtos e em desalinho. — Oh, pensei que tivesses pedido serviço de quartos. Ouvi vozes.

— Senhora Dyson, sou a tenente Dallas, Polícia de Nova Iorque. Esta é a minha parceira, inspetora Peabody.

— Polícia. — O seu sorriso esmoreceu. Foi ter com o marido e deu-lhe o braço. — Não fizemos assim tanto barulho, ontem à noite.

— Sinto muito. Houve um incidente em casa dos Swisher, esta madrugada.

— Na casa da Keelie e do Grant? — Matt Dyson retesou-se e ficou muito direito. — Que tipo de incidente? Estão todos bem? A Linnie. Aconteceu alguma coisa à Linnie?

Tem de ser rápido, pensou Eve. Como um murro na cara.

— Sinto muito, a sua filha faleceu.

Enquanto os olhos de Jenny ficaram vazios e gelados, os de Matt encheram-se de raiva.

— Isso é ridículo. Mas o que é isto, alguma piada de mau gosto? Saiam imediatamente, saiam.

— A Linnie? A Linnie? — Jenny abanava a cabeça. — Não pode ser verdade. Não pode ser. A Keelie e o Grant são muito cuidadosos. Adoram a Linnie como se fosse filha deles. Nunca deixariam que algo lhe acontecesse. Tenho de ligar à Keelie.

— A senhora Swisher está morta — disse Eve, num tom neutro. — Pessoas desconhecidas entraram na residência da família na noite passada. O senhor e a senhora Swisher, a sua governanta, o seu filho Coyle e a vossa filha foram assassinados. A filha deles, Nixie, passou despercebida, e encontra-se agora sob proteção policial.

— É um engano.

Jenny apertou o braço do marido, que começava a tremer.

— Mas eles têm um sistema de segurança. Têm um bom sistema de segurança.

— Foi comprometido. Estamos a investigar. Lamento a vossa perda. Lamento muito.

— A minha menina, não. — O que saiu da boca de Matt Dyson não foi propriamente um grito, mas mais um gemido, quando ele se virou para a mulher, cambaleando. — Não pode ser a nossa menina.

— Ela é só uma criança. — Jenny balouçava-se, e embalava o marido, os olhos destroçados fixos nos de Eve. — Quem faria mal a uma criança inocente?

— É o que tenciono descobrir. Peabody.

Seguindo a deixa, Peabody avançou.

— E se nos sentássemos? Querem que vos traga alguma coisa. Água? Chá?

— Nada, nada. — Com o braço ainda preso no do marido, Jenny afundou-se com ele no sofá. — Têm a certeza de que era a minha Linnie? Talvez...

— Foi identificada. Não se trata de um erro. Lamento intrrometer-me neste momento, mas preciso de vos fazer algumas perguntas. Conheciam bem os Swisher?

— Nós... Oh, Deus, morreram? — O choque tinha-a desfigurado. — Todos?

— Eram amigos?

— Éramos... como família — disse Jenny. — Nós... eu e a Keelie partilhávamos pacientes, e... nós todos... as miúdas, as miúdas são como irmãs, e nós... Matt. — Pôs os braços em volta dele, balouçando-se de novo. Disse o nome dele uma e outra vez.

— Sabem de alguém que pudesse querer-lhes mal? Que pudesse querer mal a alguém da família?

— Não. Não. Não.

— Algum deles mencionou algum motivo de preocupação? Alguém que os estivesse a ameaçar ou a incomodar?

— Não. Não sou capaz de pensar. Não. Oh, Deus, a minha menina.

— Algum deles estava envolvido com alguém, à margem do casamento?

— Não sei o que quer... Ah. — Jenny fechou os olhos enquanto o marido continuava a chorar-lhe no ombro. — Não. Tinham um bom casamento. Amavam-se, gostavam de estar juntos. Com os filhos. O Coyle. Oh, meu Deus. A Nixie.

— Ela está bem. Está em segurança.

— Como? Como é que ela conseguiu escapar?

— Tinha ido à cozinha tomar uma bebida. Não estava na cama na altura dos homicídios. Creio que não a viram.

— Não estava na cama — disse Jenny, em voz baixa. — Mas a minha Linnie estava. A minha menina. — As lágrimas rolavam-lhe pela cara.

— Não entendo. Não consigo entender. Precisamos de... Onde está a Linnie?

— Está com o médico-legista. Vou tomar providências para que a vejam, quando estiverem preparados.

— Preciso de saber o que aconteceu, mas não sou capaz. — Virou a cara, apoiando-a no ombro do marido, que também tinha a cara apoiada no ombro dela. — Agora precisamos de ficar sozinhos.

Eve tirou um cartão do bolso, pousou-o na mesa de apoio.

— Contactem-me quando estiverem prontos. Eu encarrego-me do resto.

Deixou-os a sós com a sua dor, e ela e Peabody desceram para o átrio em silêncio.

O escritório de advogados tinha uma sala de espera confortável, dividida, por tema e não por paredes, em zonas distintas. Um canto para crianças, com um minicomputador e muitos brinquedos brilhantes, estava junto a uma secção concebida para miúdos mais crescidos. Vídeos, *puzzles*, jogos de computador em voga. No lado oposto da sala, os adultos podiam esperar pela sua vez em cadeiras de tons pastel, e ver vídeos com dicas para pais ou sobre desporto, moda ou cozinha *gourmet*.

A rececionista era jovem, com um sorriso alegre e olhar sagaz. Tinha madeixas ruivas e douradas naquilo que Eve supunha ser uma sofisticada franja de comprimento irregular.

— Não têm marcação, mas a Polícia não costuma marcar. — Percebeu que eram polícias ainda antes de lhe mostrarem os distintivos, e pôs a cabeça de lado. — Que se passa?

— Precisamos de falar com o doutor Rangle — disse Eve, tirando o distintivo, por uma questão de formalidade.

— O Dave ainda não chegou. Está em sarilhos?

— A que horas o espera?

— Deve estar a chegar. É madrugador. Só abrimos ao público às nove. — Fez questão de apontar para o relógio. — Ainda falta uma hora.

— Também é madrugadora, portanto.

A mulher sorriu, mostrando os dentes todos.

— Gosto de vir cedo, quando há sossego. Adianto muito o trabalho.

— O que faz aqui?

— Eu, pessoalmente? Dirijo o escritório, dou assistência. Sou técnica de serviços jurídicos. Que se passa com o Dave?

— Vamos esperar por ele.

— Como queiram. Ele tem uma reunião às... — Voltou-se para uma unidade de dados, tocando no ecrã com as suas unhas curtas, quadradas e com riscas douradas a combinar com o cabelo. — Nove e meia. Mas gosta de vir mais cedo, para preparar as coisas, como eu. Já não deve demorar.

— Está bem. — Como queria que Peabody descansasse um pouco, apontou-lhe as cadeiras, e depois encostou-se descontraidamente ao balcão. — E o seu nome é?

— Sade Tully.

— Tem olho para polícias, Sade?

— A minha mãe é polícia.

— Ah, sim? Onde?

— Trenton. É sargento, patrulha. O meu avô, também. E o pai dele. Eu quebrei a tradição. A sério, o Dave está em sarilhos?

— Que eu saiba, não. Trabalha mais alguém aqui, no escritório?

— A assistente do Dave só chega às dez. Tem uma consulta médica. A rececionista costuma chegar a um quarto para as nove. O Grant Swisher, o sócio do Dave, deve chegar daqui a pouco. O Grant, de momento, está sem assistente, por isso estou a preencher essa lacuna. Temos um androide administrativo, mas hoje ainda não o ativei. O estagiário vem por volta do meio-dia, depois das aulas. Bem, se vão esperar, querem café?

— Queria, sim. Queríamos — corrigiu Eve. — Obrigada.

— Sem problema. — Sade levantou-se, deu dois passos até um AutoChef. — Como é que o tomam?

— Simples para mim, fraco e com açúcar para a minha parceira. — Enquanto falava, Eve deambulava pela sala, observando a decoração. Mais acolhedora do que na maioria dos escritórios de advogados, concluiu. Pormenores que criavam um ambiente confortável, brinquedos, quadros com vistas de cidades. — Há quanto tempo está a sua mãe na Polícia?

— Dezoito anos. Adora o raio do trabalho, exceto quando o odeia.

— Pois, é assim mesmo.

Eve voltou-se quando a porta se abriu.

O homem que entrou era negro e bem-apresentado. Usava um fato elegante, de um castanho-ferrugem, com lapelas muito finas, e uma

vistosa gravata às riscas. Trazia uma grande chávena de café numa mão e acabava de dar uma dentada num *bagel* com recheio.

Fazendo um som de *mmm*, anuiu para Eve e Peabody, e piscou o olho a Sade.

— Um segundo — conseguiu dizer, com a boca cheia, depois engoliu. — Bom-dia.

— Polícia, Dave. Querem falar contigo.

— Claro. Tudo bem. Querem acompanhar-me?

— Queremos, sim. Sade, não se importa de vir connosco?

— Eu? — A assistente pestanejou, e agora havia algo no seu olhar. A certeza de que alguma coisa grave acontecera. Podia ter quebrado a tradição, pensou Eve, mas a intuição de polícia corria-lhe no sangue. — Aconteceu alguma coisa ao Grant?

Não valia a pena irem para um gabinete, decidiu Eve.

— Peabody, à porta.

— Sim, tenente.

— Lamento informá-los, o Grant Swisher faleceu. Ele, a mulher e o filho morreram na noite passada.

Esquecido da chávena, Dave entornou o café, que fez uma mancha no tapete do escritório.

— O quê? O quê?

— Um acidente? — perguntou Sade. — Sofreram um acidente?

— Não. Foram assassinados, juntamente com a governanta e com uma criança chamada Linnie Dyson.

— A Linnie, oh, Deus. A Nixie. — Sade contornou o balcão e agarrou Eve por um braço. — Onde está a Nixie?

— Em segurança.

— Valha-me Deus. — Dave cambaleou até ao sofá, deixou-se cair nele, benzeu-se. — Meu Deus. O que aconteceu?

— Estamos a investigar. Há quanto tempo trabalhava com o Swisher?

— Hum, eh, cinco anos. Dois como sócio.

— Vamos despachar as formalidades. Pode dizer-me onde estava entre a meia-noite e as três da manhã?

— Merda. Merda. Em casa. Bem, cheguei a casa pouco depois da meia-noite.

— Sozinho?

— Não. Tive uma convidada a passar lá a noite. Vou dar-vos o nome dela. Estivemos acordados e... ocupados até cerca das duas. Ela saiu por

volta das oito, esta manhã. — Quando os olhos escuros dele encontraram de novo os de Eve, estavam destroçados. — Ele não era só meu sócio.

Sade foi sentar-se ao seu lado, segurou-lhe a mão.

— Ela tem de fazer estas perguntas, Dave. Tu sabes. Ninguém pensa que fizeste mal ao Grant ou à sua família. Eu estava em casa. Tenho uma colega de apartamento — acrescentou —, mas ela saiu ontem à noite. Usei o *link* para falar com uma amiga até pouco depois da meia-noite. Ela está com problemas amorosos. Podem verificar o meu dispositivo.

— Agradecemos. Vou precisar do nome da sua convidada desta noite, senhor Rangle. É apenas rotina. Menina Tully, disse que o senhor Swisher de momento estava sem assistente. O que aconteceu à pessoa que saiu?

— Teve um bebé no mês passado. Esteve de licença de maternidade, mas planeava voltar, por isso não ocupámos o seu lugar. Mas, há alguns dias, ela optou pelo estatuto de mãe a tempo inteiro. Não houve fricção nenhuma, se é o que está a pensar. Oh, Deus, vou ter de lhe dizer.

— Vou precisar do nome dela e dos nomes de toda a gente que trabalha aqui. É apenas rotina — acrescentou Eve. — Agora quero que pensem, que me digam se sabem de alguém que pudesse querer mal ao senhor Swisher ou à sua família. Senhor Rangle?

— Não preciso de pensar. Não sei de ninguém.

— Um cliente que estivesse zangado com ele?

— Sinceramente, não imagino nenhuma das pessoas que alguma vez entraram por aquela porta a ser capaz de fazer algo assim. O puto dele? O Coyle? Valha-me Deus. — Lágrimas inundaram-lhe os olhos. — Eu jogava softbol com o Coyle. O miúdo adorava basebol. Era a religião dele.

— O Swisher alguma vez foi infiel à mulher?

— Ouça... — Quando Dave fez menção de se levantar, Sade pôs-lhe uma mão na coxa.

— Nunca se pode ter cem por cento de certeza, como sabe. Mas eu diria que não, com noventa e nove por cento de certeza, e digo o mesmo em relação a ela. Eram próximos, eram felizes. Acreditavam na família, visto que nem um nem outro tinham algo que se parecesse com uma família até se juntarem. E esforçavam-se por manter a família unida.

Sade respirou fundo, para se acalmar.

— Aqui no escritório, trabalhamos muito em equipa, por isso sabemos este tipo de coisa. Sentimos as vibrações. O Grant amava a sua mulher.

— Está bem. Quero acesso ao gabinete dele, aos seus processos, à lista de clientes, transcrições do tribunal, tudo.

— Não a obrigues a arranjar um mandado, Dave — disse Sade, calmamente. — O Grant não o faria, se estivesse no nosso lugar. Havia de colaborar, de ajudar no que pudesse.

Ele anuiu.

— Disse que a Nixie estava em segurança. Que não estava magoada.

— Não. Não ficou ferida e encontra-se sob proteção policial.

— Mas a Linnie... — Dave passou uma mão pela cara. — Já falou com os Dyson?

— Sim. Conhece-os?

— Sim, conheço, claro. Festas em casa do Grant, fins de semana na casa que ele aluga nos Hamptons. Jogo golfe com o Grant e o Matt duas vezes por mês. Sade, podes fazer as chamadas, fechar o escritório?

— Claro. Não te preocupes.

— Acompanho-os ao gabinete do Grant... desculpe, não me lembro do seu nome.

— Dallas, tenente Dallas.

— Hum, eles não tinham família próxima. O funeral... Podemos tratar das coisas?

— Vou ver o que posso fazer.

Quando voltaram para o carro, tinham uma caixa cheia de discos, vários suportes digitais, a agenda de trabalho de Swisher, livro de endereços e blocos de notas.

Peabody pôs o cinto.

— Tudo leva a crer que era uma família simpática e feliz, com uma situação financeira estável, um bom círculo de amigos, boas relações de trabalho, carreiras gratificantes. Não eram o tipo de pessoas que esperamos encontrar assassinadas na sua cama.

— Há muitas camadas a explorar. Muitas famílias podem parecer felizes à superfície, mesmo aos olhos de amigos e colegas, quando na realidade as pessoas se odeiam.

— Pensamento animador. — Peabody franziu os lábios. — Isso faz de ti a polícia cínica, e de mim a polícia ingénua.

— É mais ou menos isso.